

Yes, we speak the subaltern *Português!*

Rovênia Amorim Borges; Almerindo Janela Afonso

**Rovênia Amorim Borges
roveniaa@gmail.com**

**Universidade do Minho
Braga, Portugal - 2018**

Reflexão inicial

Comunicar em língua inglesa, capacidade associada com frequência à condição de **classe social, ao gênero e a outros fatores de identidade cultural**, tornou-se uma das principais condicionantes para participar de programas de estudo e de pesquisa em universidades bem localizadas nos *rankings* académicos.

Objetivo

Sob análise comparada, faz-se uma reflexão crítica sobre como as políticas de ensino da língua inglesa em Portugal e no Brasil atuam ou não para reforçar as **desigualdades** na mobilidade internacional de estudantes.

Apresentação

- 1 - Hegemonia da língua inglesa
- 2 - Colonialidade de poder
- 3 - Colonialidade da língua inglesa
- 4 - Rotas de mobilidade estudantil
- 5 - Políticas de ensino de língua estrangeira no Brasil e em Portugal
- 6 - Desigualdades: reflexos na mobilidade de estudantes

1 - Hegemonia da língua inglesa

- Após a Segunda Guerra Mundial, Estados Unidos e Inglaterra iniciaram um projeto de expansão imperialista de dominação e que incluiu **campanhas para difundir a língua inglesa pelo mundo.**
- Na segunda metade da década de 1990, o inglês se firma como **língua franca.**
- Evidencia-se associação entre dimensões da existência social (económica, política, cultural e intelectual) submetidas a uma **hegemonia de poder.**
- Barrantes-Montero (2018, p. 5): “o monolinguismo (inglês) é reivindicado como condição para a modernização, enquanto a multiplicidade de linguagens é um incômodo”.

2 - Colonialidade de poder

- **Século XVI:** chegada dos conquistadores ibéricos às Américas. Início das racionalidades cristãs, científicas e culturais da *modernidade europeia*.
- “**Colonialidade de poder**”: matriz ou “**padrão mundial de poder**” que traz entre os seus elementos constitutivos articulados as formas de **dominação pela estratificação social racializada**, pela **exploração do trabalho** (capitalismo) e pelo **modo euroamericano de produzir conhecimento** (Aníbal Quijano, 2002, p. 4)

2 - Colonialidade de poder (...)

- **Século XVIII:** o português e o espanhol começam a perder força como línguas dominantes.
- **Século XX:** a **desvalorização linguística** acentua-se a partir de 1945, com a ascensão dos Estados Unidos como a grande potência mundial.
- Nas últimas três décadas, a hegemonia da língua inglesa passa a combinar-se ao *boom* da **internacionalização capitalista do ensino superior**.

3 - Colonialidade da língua inglesa

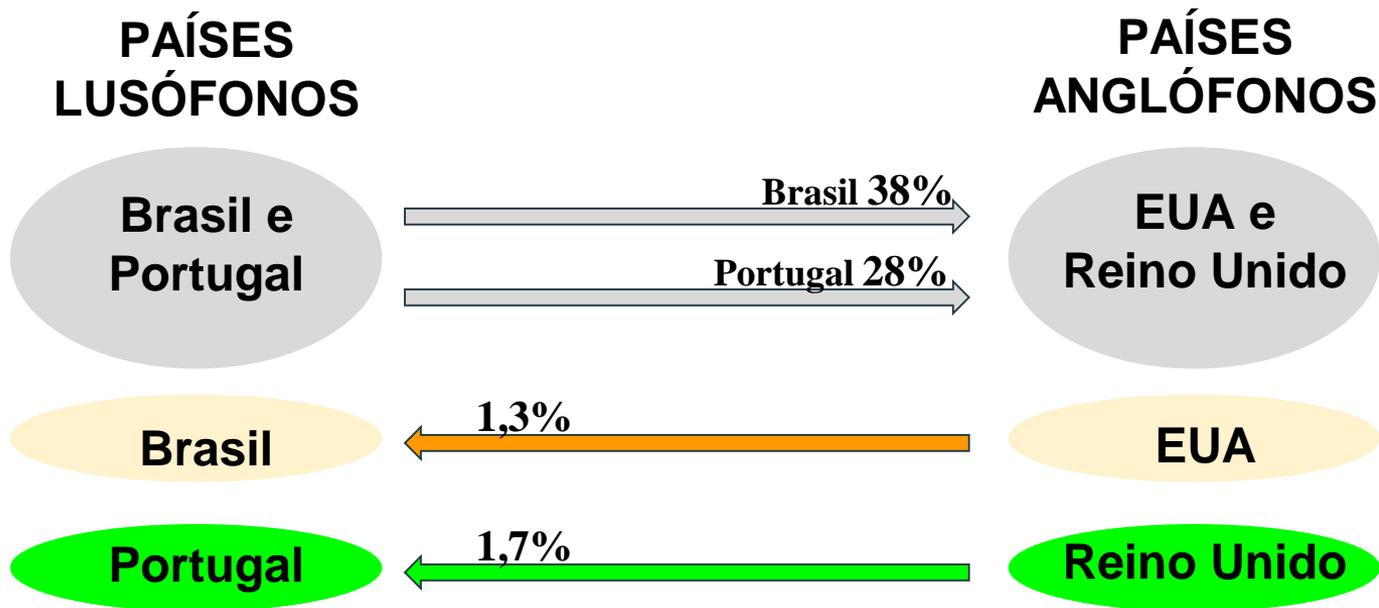
- **Língua franca:** idioma usado “como linguagem de contato entre falantes de diferentes línguas” (Jennifer Jenkins, 2015, p. 56)
- O inglês como **língua franca** do conhecimento técnico-científico funciona como um **instrumento de controle** tanto da subjetividade (forma de pensar) quanto dos modos de produzir e disseminar esse próprio conhecimento.
- Jenkins (2015, pp. 78-79): uma **universidade** “**verdadeiramente internacional**” adota o inglês como língua franca, mas também se configura em um **espaço multilíngue** (outras línguas).

4 - Rotas de mobilidade estudantil

- As **rotas construídas** pela crescente mobilidade internacional de estudantes, pesquisadores e docentes **indicam direção predominante para as instituições que ocupam a centralidade mundial** da produção do conhecimento técnico-científico de *excelência*.
- UNESCO Institute for Statistics, 2017: Estados Unidos e Reino Unido lideram entre **países que mais atraem estudantes internacionais** em todo o mundo.
- Fatores a influenciar essas rotas: idioma, condição económica, proximidade geográfica, condições de clima e de segurança.

4 - Rotas de mobilidade estudantil (...)

- **Desequilíbrio dos fluxos** de partida e de chegada das rotas de estudantes brasileiros e portugueses.



4 - Rotas de mobilidade estudantil (...)

Tabela 1 - Receção de estudantes

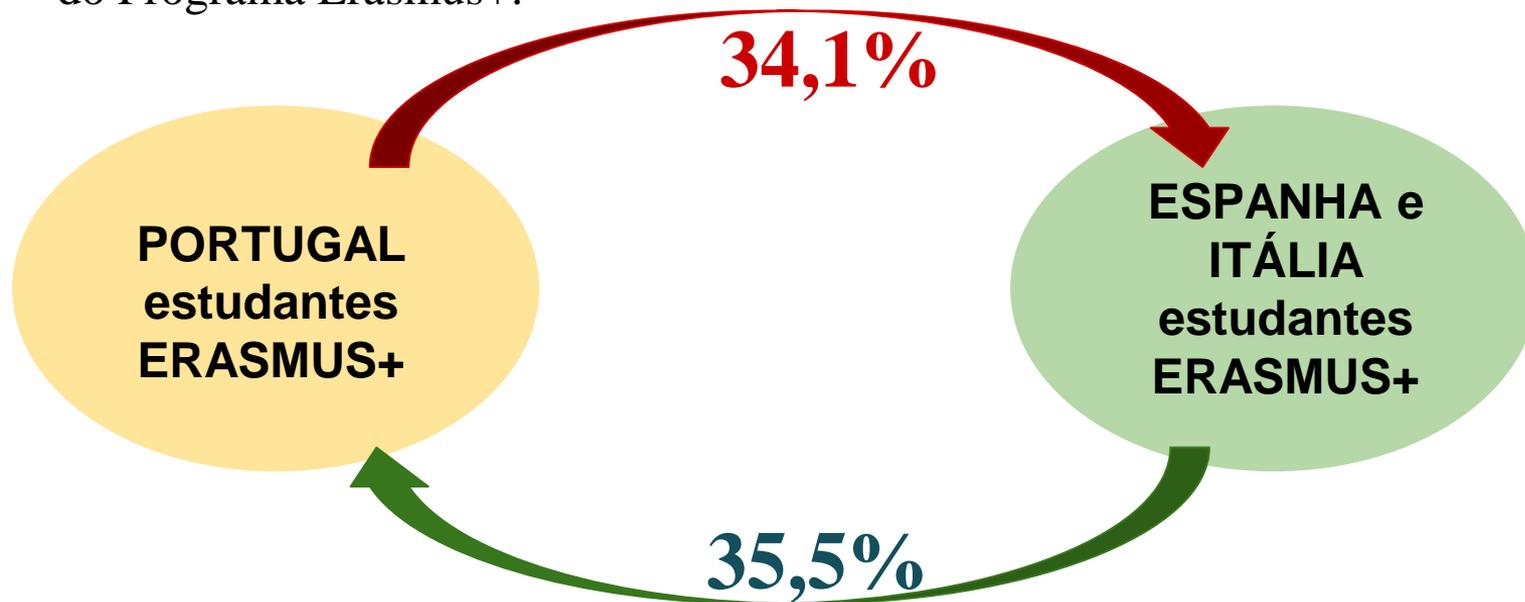
Países lusófonos	Total recebido	Países anglófonos	
		ESTADOS UNIDOS	REINO UNIDO
BRASIL	19.855	663	122
PORTUGAL	16.888	196	103

Tabela 2 - Envio de estudantes

Países lusófonos	Total enviado	Países anglófonos	
		ESTADOS UNIDOS	REINO UNIDO
BRASIL	40.891	13.348	2.184
PORTUGAL	12.267	887	2.521

4 - Rotas de mobilidade estudantil (...)

- Em **Portugal**, o domínio da língua inglesa não é uma exigência para participar do Programa Erasmus+.



5 - Políticas de ensino de língua estrangeira no Brasil e em Portugal

- **Brasil e Portugal:** países *semiperiféricos* em relação ao sistema econômico capitalista mundial, **investem e implementam políticas e programas de mobilidade internacional de acadêmicos** (ciência, tecnologia e inovação).
- **BRASIL: Medida Provisória 746/2016**, que modifica a Lei de 9.394/1996 (LDBEN), obrigatoriedade do inglês a **partir do 6º ano escolar**.
- **PORTUGAL:** a valorização das competências comunicativas no QECR/2001. **Portaria nº 1322/2007**, a avaliação da oralidade com obrigatoriedade para as línguas estrangeiras, **a partir do 3º ano escolar**, com 30% do peso da nota.

6 - Desigualdades: reflexos na mobilidade de estudantes

- Análise do perfil de **1.283** participantes do Programa Ciência Sem Fronteiras que cumpriram parte da graduação em instituições nos EUA, entre 2012 e 2015, revela que **a habilidade em conversação** foi a maior dificuldade encontrada pelos bolsistas, nomeadamente entre as **mulheres, os negros, os mais pobres e aqueles que frequentaram escolas públicas** (cf. Borges, 2015, pp. 139-143).
- Em razão da **inexistência de barreira linguística**, as **instituições portuguesas** tornaram-se opção imediata para estudantes brasileiros de graduação, com baixa ou nenhuma fluência na língua inglesa, nos primeiros editais para seleção ao Ciência sem Fronteiras.

Algumas reflexões

- **Língua inglesa:** instrumento a serviço de uma matriz de poder global, de dominação do processo de produção e consumo do conhecimento técnico-científico.
- **Recentes políticas** no Brasil e em Portugal correlatas à oralidade em língua inglesa **a fim de ampliar a mobilidade académica** (internacionalização das universidades)
- Tendo em mente as “especificidades do capitalismo” dos países centrais e o seu avanço sobre a internacionalização das instituições de ensino superior em economias (semi)periféricas (Silva-Junior, 2017, p. 251) estamos a construir *new Portuguese and Brazilian universities*.

Referências

- **Barrantes-Montero, L. G. (2018).** Phillipsons's Linguistic Imperialism Revisited at the light of Latin American Decoloniality Approach. *Revista Electrónica Educare (Educare Electronic Journal)*, 1-19.
- **Borges, R. A. (2015).** A interseccionalidade de gênero, raça e classe no Programa Ciência sem Fronteiras: um estudo sobre estudantes brasileiros com destino aos EUA. (*Master's thesis, Universidade de Brasília*). Brasília: UnB.
- **European Union. (2017).** ANNEX 13 - KA 103 - Higher Education mobility within programme countries - Students by sending/receiving country - Call 2015. *Annual Report 2016. Statistical Annex Erasmus+. Enriching lives, opening minds.* Brussels: European Commission.
- **Jenkins, J., & Wingate, U. (2015).** Staff and Students' Perceptions of English Language Policies and Practices in 'International' Universities: A Case Study from the UK. *Higher Education Review*, 47(2), 47-73.
- **Quijano, A. (2002).** Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Novos Rumos*, ano 17, n° 17, pp. 4-28
- **Silva-Júnior, J. R. (2017).** *The New Brazilian University. A busca por resultados comercializáveis: para quem?* Bauru : Canal 6.
- **Spivak, G. C. (1988).** Can the Subaltern Speak? Em C. Nelson, L. Grossberg, C. Nelson, & L. Grossberg (Edits.), *Marxism and the Interpretation of Culture* (pp. 271-313). Urbana; Chicago: University of Illinois Press.
- **UNESCO Institute of Statistics. (2017).** *Global Flow of Tertiary-Level Students*. Obtido em 30 de Novembro de 2017, de UNESCO Institute for Statistics.